

Dei de comer aos pássaros

Dei de comer aos pássaros,
Dei de beber à terra.
Procurei os trabalhos do mundo:
Não conduzem a nada.
Ninguém é feliz à custa de outrem.
O próximo fica muito distante
E alheio ao nosso amor.
Os pássaros comeram
E a terra bebeu pelas minhas mãos.
Mas os homens ouviram meu pensamento
E gostaram apenas das minhas palavras, sem fome nem sede.
(Cecília Meireles, Poemas II, p.1224)

A nossa querida Ieda deixou-nos suas palavras, desenhadas com sensibilidade e gentileza raras. Mas, também realizou a tessitura hábil das palavras alheias porque foi incansável no estabelecimento de edições relevantes, garantindo que obras de autores como Graciliano Ramos, José Paulo Paes, Machado de Assis e Orides Fontela chegassem aos leitores da forma mais interessante possível. Uma tessitura invisível, delicada e poderosa de pesquisadora, crítica literária e ensaísta.

As teias de seu trabalho construíram pontes entre o presente e as vozes literárias do cânone e/ou daquelas esquecidas pela historiografia; entre o saber acadêmico e o leitor comum; entre a erudição precisa, o cuidado quase artesanal com o texto e as edições preparadas para o grande público, tornando a pesquisa acadêmica acessível.

Mais ainda: gostaria de enfatizar que as teias de seu trabalho formaram redes. De sólida formação — e história — na Universidade de São Paulo (USP), Ieda transitava entre instituições e círculos de pesquisa para somar com delicadeza, inteligência e rigor. Durante mais de uma década, manteve um vínculo constante e produtivo com o Rio de Janeiro por meio do LABELLE – Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura da *Belle Époque*, sediado no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Essa parceria interinstitucional, entre uma pesquisadora ligada à USP e um laboratório carioca, é um exemplo do que as palavras e o trabalho de Ieda representavam:

expressão integradora, generosa e amiga. Colaboradora assídua, participou de seminários, colóquios e coletâneas organizadas pelo grupo de pesquisa.

Na primeira coletânea, de 2016, intitulada *Belle Époque: crítica, arte e cultura* Ieda ofereceu o ensaio "O poço adverbial do poder: a arte de "Sua Excelência", de Lima Barreto, e de *S. Bernardo*, e Graciliano Ramos".[1] Com a finalidade de "compreender como se constitui a arte do conto "Sua Excelência" (1917), de Lima Barreto, escolhido por Graciliano Ramos para integrar a *Seleção de contos brasileiros* que organizou nos anos 1940", Ieda demonstra que o conto de Lima Barreto "perfaz uma história com elementos realistas e fantásticos, inclui humor, crítica social e expressão subjetiva de alcance universal, incitando a vontade interpretativa do leitor — tudo isso em poucas páginas". A escolha do conto do escritor carioca, por Graciliano Ramos, justifica-se, para a ensaísta, porque Lima Barreto "soube com sensibilidade, observação crítica e senso de humor inventivo descerrar a precariedade intelectual do país". E arremata com a aguda comparação entre a presença dos advérbios terminados em *-mente*, na obra *S.Bernardo* e os sinais de estupidez quanto às letras "próprios de um país onde um proprietário como Paulo Honório só pensa em abrir uma escola em sua fazenda como fachada para obter favores do governador".

No entanto, o ensaio traz camadas de reflexão ainda mais sofisticada, isto é, a preferência de Graciliano por "Sua Excelência" reside na ambiguidade do conto. Questiona Ieda "quem é o protagonista, responsável pela ação, o ministro, terceira pessoa de posição elevada, discursador coberto de insígnias, porém oco e conduzido pelo outro, ou o cocheiro sonhador que serve ao outro, a uma segunda pessoa distante apesar de tão próxima?". E o olhar atento da pesquisadora compara "alguns advérbios de *S. Bernardo*, contextualizados magistralmente por Graciliano, sobretudo nos capítulos XIX, XXXI e XXXVI do romance para refletir sobre "o descompasso trágico entre Paulo Honório e Madalena e de "como as certezas dos poderosos também estão sujeitas a vertigens".

Essa ponte entre Lima Barreto e Graciliano Ramos não foi algo aleatório, mas produto de uma leitura que exigia trânsito pelas obras do período que se convencionou chamar *Belle Époque*, tanto quanto pelas obras do romancista alagoano que Ieda ajudaria a fixar em edições de referência. Tipo de diálogo com olhares múltiplos que o LABELLE sempre buscou estimular entre seus pesquisadores.

---

[1] LEBENSZTAYN, Ieda. O poço adverbial do poder: a arte de "Sua Excelência", de Lima Barreto, e de *S.Bernardo*, de Graciliano Ramos. In: NEGREIROS, Carmem; OLIVEIRA, Fátima; GENS, Rosa [Orgs.]. *Belle Époque: crítica arte e cultura*. São Paulo: Intermeios/Faperj, 2016. p. 229-245.

Em 2020, quando o LABELLE completou cinco anos de atuação, seus pesquisadores organizaram o seminário e livro denominados *Travessias*: *tensões da Belle Époque, raízes do contemporâneo*. Nele, Ieda propôs as travessias machadianas, com a apresentação e capítulo de livro (lançado em 2022 sobre o mesmo seminário) "Virgular com os olhos, ampulheta de abismos: a arte de *O alienista*"[2], com a justificativa da autora de que "o conto-novela de Machado de Assis é um pouco anterior ao período de 1890 a 1920, baliza temporal dos estudos da *Belle Époque*. Mas, como todo grande texto artístico, dá forma a impasses semelhantes aos vividos no período e também atuais".

No ano seguinte, o LABELLE contou com outra frente de atuação de Ieda, durante o evento em comemoração ao centenário de nascimento do cronista João do Rio. A pesquisadora assumiu a coordenação da mesa sobre Jornalismo e Literatura, com a presença das professoras Tania Regina de Luca (UNESP) e Sílvia Azevedo (UNESP). Função que exerceu muito bem por transitar com facilidade entre as pesquisas com fontes primárias, periodismo e literatura.

Entre suas participações mais recentes estão a presença no seminário e livro *Belle Époque e o sertão*, ambos de 2024, com o ensaio "Lampião de palavras: Graciliano Ramos e o cangaço na forma de crônicas e romances".[3] Aqui Ieda realizou dois movimentos. Além de nos brindar com suas excelentes reflexões, trouxe a parceria tão produtiva com Thiago Mio Salla, também membro do LABELLE; e, ainda, reeditou o diálogo com Graciliano Ramos enfatizando o conhecimento do escritor acerca "do fator econômico do banditismo e na recusa de preconceitos" como base da "concepção ética e estética de suas crônicas e romances". Suas propostas de participação estiveram bastante ligadas à diversidade que sempre caracterizou o grupo de pesquisa e seu empenho em promover estudos de caráter interdisciplinar em torno dos objetos literários.

O gesto mais eloquente dessa parceria veio em 2025, quando o LABELLE completou uma década pautada por muito trabalho. Para celebrar a data, o laboratório lançou, em parceria com a Pedro & João Editores, a Coleção Ensaio LABELLE 10 ANOS, convidando seus pesquisadores a publicizarem ensaios relevantes de sua autoria. Bastante coerente com a sua trajetória de pesquisadora e membro atuante do grupo, Ieda

---

[2] LEBENSZTAYN, Ieda. Virgular com os olhos, ampulheta de abismos: a arte de *O alienista*. In: FIGUEIREDO, C. L. N.; OLIVEIRA, F. M.; CHAUVIN, J.; VERMES, V. M.; Carvalho, R.S. *Travessias. Tensões da Belle Époque, raízes do contemporâneo.* Chapecó, SC: ARGOS, Editora da Unochapecó, 2022. p.445-464.

[3] FIGUEIREDO, C. L. N.; Salgado, Marcus; VERMES, M.; Carvalho, R.S.; Lemos, Wagner G. *Belle Époque e o sertão: a linguagem em busca do Brasil*. São Paulo: Intermeios, 2024. p.171-182.

apresentou sua contribuição com o terceiro volume da coleção, *Léo Vaz: Sorte do Estilo na Terra dos Professores Rifados*.[4] Dividido em três capítulos, o livro analisa primeiro o romance *O professor Jeremias* (1920), aposta editorial de Monteiro Lobato, "com o propósito de apreender a singularidade do romance, percebendo diferenças e aproximações dele com o estilo de Machado de Assis" e o modo como a narrativa combina o sofrimento subjetivo do protagonista com um retrato social de uma pequena cidade do Brasil escravocrata. Objeto de estudo do livro também é o conto "A rifa", selecionado por Graciliano Ramos para a coletânea que organizou em 1940, e outras narrativas do volume *Ritinha* (1923), nas quais Léo Vaz explora com humor e compaixão a tênue linha entre sorte e azar. O livro termina com a análise de *O burrico Lúcio*, traduzido e adaptado do francês, com a indicação "Baseado na versão atribuída a Luciano de Samosata (Lúcio, ou O asno)".

A Coleção Ensaio LABELLE 10 ANOS conta com vídeos disponibilizados no canal do LABELLE pelos autores, discutindo seus respectivos livros. Além de nas palavras impressas, as contribuições de Ieda seguem pulsantes também no vídeo em que gentilmente apresenta o livro por ela assinado aos espectadores.[5]

A última e relevante contribuição de Ieda ao laboratório foi fiel a sua trajetória de pesquisa, marcada tanto pelo resgate crítico quanto por sua capacidade de construir redes e pontes entre o passado e o presente, entre instituições e pessoas, entre a erudição e a comunicação clara e precisa, entre a história da recepção crítica e a leitura dedicada e delicada dos textos.

Sua presença nas atividades do LABELLE reforça outro aspecto de sua história: apesar de ter raízes sólidas em São Paulo, Ieda foi ponte viva entre os estudos cariocas da *Belle Époque* e a tradição paulista de crítica, trabalhando intensamente para aproximar agendas de pesquisa que, sem esse tipo de diálogo generoso, poderiam ter permanecido isoladas. Por isso, com muita honra o LABELLE, se faz legatário de parte de sua obra crítica.

Pesquisadoras e pesquisadores do LABELLE agradecem a Ieda Lebensztayn por ter nos alimentado com sua inteligência criativa e suas palavras argutas, intensas e gentis. E, pessoalmente, se hoje me sinto mais saudosa, sua presença me fez rica e honrada de

---

[4] LEBENSZTAYN, Ieda. *Léo Vaz: Sorte do Estilo na Terra dos Professores Rifados*. Coleção Labelle. Vol. 3. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. Disponível em: https://labelleuerj.com.br/labelle-10-anos/ebook-03/

[5] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jp6VGOvfNq4&list=PL0Sg6T_uphmNchNfwM6ulR3_zUln7LjVx&index=6

tê-la tido por perto, de ouvir e ler as palavras da brilhante pesquisadora a quem pude chamar de amiga.

Carmem Negreiros
Coordenadora do LABELLE – UERJ
Professora Associada do Instituto de Letras/ UERJ